

Felicidade foi 'simbora': pandemia, corrupção e tristeza

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Estarmos cientes de que vivemos sob um governo descomprometido com nossas vidas só faz nosso sentimento de desamparo aumentar

O Nexo é um jornal independente sem publicidade financiado por assinaturas. A maior parte de nossos conteúdos são exclusivos para assinantes, mas esta seção é de acesso livre sempre. Aproveite para experimentar o jornal digital mais premiado do Brasil. Conheça nossos planos. Junte-se ao Nexo! De acordo com dados de uma pesquisa que mede a sensação mundial de bem-viver e bem-estar, resumidamente traduzida como felicidade, o povo brasileiro, sobretudo durante a pandemia, ficou mais infeliz. Somente no ano de 2020 o sentimento de tristeza e desesperança fez com que o povo brasileiro ocupasse a posição de 41º país onde as pessoas são mais infelizes. A pesquisa foi feita analisando 95 outros países, fruto de um trabalho desenvolvido pelas universidades de Columbia e Oxford. Três anos atrás ocupávamos a 29º posição. Sobre os efeitos específicos da pandemia, dois fatos correlacionados nos chamam atenção. Citando como exemplo Brasil e Estados Unidos, países que ocupam a posição trágica de primeiros no ranking de mortes por covid-19, as posturas negacionistas das suas lideranças contribuíram diretamente com o agravamento da pandemia. Efeito disso, além das mortes e do caos na saúde dos dois países, foi o impacto no sentimento de segurança, que afeta a sensação de felicidade. Conclusão: em países nos quais suas lideranças políticas tomaram atitudes irresponsáveis, e até mesmo genocidas, podemos dizer, a sensação de desamparo e desespero foi maior. Logo, suas populações se sentiram mais infelizes com as atitudes dos seus líderes. Isso pode ser visto no dado do estudo que revela que a sensação de felicidade estava mais dependente do sentimento de confiança do que de fatores como renda, saúde, liberdade e generosidade. O mundo em geral ficou mais triste durante a pandemia, mas outro dado secundário também nos chama atenção. Todos os primeiros 8 países onde as pessoas são "mais felizes", digamos assim, são países europeus, aí cabe bem uma análise em diálogo com Frantz Fanon, em "Os Condenados da Terra" (quem não leu, recomendo que leia). A Finlândia ocupa o primeiro lugar dentre os países mais felizes. Com isso, caem por terra as falsas impressões de que a felicidade estaria nos trópicos e relacionadas ao calor, praia ou festas. De forma mais pragmática, e realista, os critérios utilizados pela pesquisa para avaliar o bem-viver, e portanto o estado de felicidade da população de um país, são: PIB (Produto Interno Bruto) per capita, apoio social (o que ao meu entender está fortemente relacionado a políticas públicas), vida saudável, expectativa de vida, liberdade, generosidade e ausência de corrupção. Sobre esse último fator, nós brasileir@s, só sentamos e choramos. A China pode nos dar um dos maiores exemplos do peso de fatores como vida saudável, apoio social e expectativa de vida, fatores diretamente ligados à saúde. Em 2020, o país que antes ocupava o 94º no ranking da felicidade, saltou para 19º, dadas as políticas de combate e prevenção ao novo coronavírus. Outra pesquisa similar levada a cabo pela Fundação Getúlio Vargas mostra informações similares, mas com outros dados também importantes. A tristeza do povo brasileiro, como tudo no país, também é desigual. A infelicidade aumenta com a desigualdade, e foram os mais pobres que mais se entristeceram com a pandemia. Com o desemprego e a renda mais baixa, essa parcela da população está não só mais triste, mas também com mais raiva, mais preocupada e mais estressada. Contudo, enquanto a felicidade caiu entre os 40% mais pobres, inacreditavelmente, 20% dos mais ricos ficaram mais felizes nesse mesmo momento, a despeito da pandemia. Felicidade pode ser algo que varia de uma cultura para outra e ter diferentes significados dentro do mesmo país a depender do grupo social. O mesmo vale para tristeza. Contudo, valores e condições de bem viver fundamentais à vida não dependem somente das pequenas alegrias da vida adulta, embora elas sejam fundamentais, mas também de outras questões fundamentais. Num país que ficou mais violento, agressivo e perdeu completamente seu

sentimento de empatia, reflexo do péssimo exemplo da nossa liderança máxima, o sentimento de estar sem rumo ou de impotência, que é o que ouço da maioria das pessoas que conheço, não deixa de nos abater profundamente. Me sinto assim também. Num país homofóbico, transfóbico, misógino, classista e racista, a despeito das alegrias isoladas, felicidade para mulheres, sobretudo mulheres negras, homens negros, povos originários e a comunidade LGBTQIA+ é ter direitos garantidos. A cidadania e a proteção dos direitos é algo fundamental para ser feliz. O bem-viver não existe para essas populações num país como o nosso, a despeito das praias, do sol e das festas, que para nossa sobrevivência agora estão (e devem estar) suspensas. Estarmos cientes de que vivemos sob um governo descomprometido com nossas vidas só faz nosso sentimento de desamparo e tristeza aumentar. Assistindo aos depoimentos da doutora Jurema Werneck e do doutor Pedro Hallal à CPI da pandemia, falas sustentadas nas pesquisas científicas desenvolvidas por ambos, as informações nos deixam com sensação ainda pior. Primeiro, porque o Brasil teve um excesso de mortes que poderiam ser evitadas. Foram 305 mil mortes acima do esperado. E seria possível salvar pelo menos 120 mil vidas caso as políticas de controle da pandemia como uso de máscara, álcool em gel, distanciamento social fossem incluídas como políticas afetivas de combate à pandemia. Foi o que disse a doutora Jurema Werneck. Um dado trazido pelo doutor Pedro Hallal nos deixa “sem chão”: quando convidado a expor o resultado da sua pesquisas sobre previsões acerca da pandemia ao Ministério da Saúde, o pesquisador informou a disparidade racial dos impactos da pandemia. Ele informou ao governo federal que pessoas negras (pretas e pardas) seriam infectadas duas vezes mais do que pessoas brancas, e no caso das populações indígenas, cinco vezes mais. O governo foi avisado, mas diante dos dados, como sempre, negou qualquer debate sobre disparidade racial no Brasil. Segundo o pesquisador, seu slide foi censurado e foi então escolhido o caminho mais confortável para abordar as desigualdades raciais no Brasil: nega-se o racismo para perpetuá-lo. Nada mais certo do que a frase de Gilberto Gil que diz que “a felicidade do negro é uma felicidade guerreira”, pois as pessoas negras estão lutando pela vida, contra o genocídio, a violência e políticas que levaram as vidas de tantas e tantos de nós de forma precoce. De forma aguerrida, as populações indígenas também estão, neste exato momento, ocupadas em Brasília, lutando contra o PL 490, que atenta contra seu direito à terra. Como sabem, terra e vida são aspectos estritamente ligados para os povos tradicionais, pois a natureza é uma extensão da própria vida, uma vez que as pessoas são entendidas como parte da natureza também. Segunda-feira, 28 de junho, dia do orgulho LGBTI, as comemorações das vitórias dessa comunidade, que não são poucas, fruto de uma luta que tem por protagonistas elas e elas, elxs mesmxs, convivem com uma realidade de um país que mais mata pessoas trans no mundo. Diante da realidade desse país que é belo, diverso e rico, em todos os aspectos, por conta da maioria da sua população, onde o macho branco, rico, hétero e cristão pode ser até o mais poderoso, mas é minoria, entendemos a razão da infelicidade do povo brasileiro. Com tamanha desigualdade e concentração de privilégios, constatamos um evidente descompasso. É por isso que, propositalmente, digo que a felicidade foi “simbora”, e não “foi embora”, fazendo aqui uso do pretuguês, como disse Lélia Gonzalez. A felicidade foi “simbora” da casa dos pobres, das pessoas negras, dos povos originários que lutam por terra e das pessoas que perderam os seus, as suas e não puderam dar adeus. “Simbora” é como a gente se despede ou se refere a quem se foi, seja no interior do Brasil ou nas comunidades do sertão, assim como no Recôncavo baiano, onde por sinal eu sou muito feliz. Enquanto a falsidade, que é amiga da corrupção, vigora no Brasil, fiquemos aqui sonhando com o dia que a felicidade volte... e desejamos que ela volte logo, pois a gente não aguenta mais viver sem ter o direito de viver e ser feliz, ou pelo menos sem esperança de dias melhores.